

# **REVISTA BATISTA PIONEIRA**

*Bíblia • Teologia • Prática*

Volume 14  
Número 1  
Junho 2025

## A PRÁTICA DO JURAMENTO E SEU SIGNIFICADO NOS TEXTOS E CONTEXTOS DO ANTIGO TESTAMENTO<sup>1</sup>

*The practice of the oath and its meaning in the texts and contexts of the Old Testament*

Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz<sup>2</sup>

### RESUMO

A importância do artigo consiste na análise do assunto ‘juramento’ nos textos canônicos do Antigo Testamento e na evidência da sua proximidade com temas-chaves para a teologia do Antigo Testamento como promessa e aliança. A abordagem do assunto fez uso de leitura pós-moderna, ou seja, recursos de vários métodos como o exame de palavras no texto original hebraico, leituras intrabíblicas e paralelos literários. O objetivo é ressaltar o que envolveu o juramento considerando formas e situações diferenciadas, as quais legitimam sua existência em diferentes momentos históricos. As etapas desenvolvidas foram as seguintes: introdução, definição do termo juramento com aproximação de temas teológicos, a prática e os nomes usados nas relações e compromissos do juramento. A pesquisa evidencia a credibilidade desta prática na realidade bíblica do povo de Israel, pois tal costume já está em uso desde o período Patriarcal, aparecendo também no Monárquico e em outros da história de Israel. O artigo conclui que o juramento foi utilizado amplamente no contexto bíblico e também em outras culturas no Antigo Oriente. Seu uso teve como importância honrar a palavra oralizada, mas em determinados momentos foi utilizado como forma de legitimar práticas cruéis.

**Palavras-chave:** Juramento. Antigo Testamento. Amaldiçoar. Iavé.

<sup>1</sup> Este artigo é o resultado do trabalho de projeto de Pós-Doutorado realizado em 2021-2022 no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, sob a supervisão do Prof. Dr. Vicente Artuso.

<sup>2</sup> A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (Curitiba, 2000); licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ (Ijuí, 2007); mestre em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2006); doutora em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2012); pós-doutora pela PUC PR (Curitiba, 2022). Professora da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí e das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

## ABSTRACT

The importance of the article consists in the analysis of the oath subject in the canonical texts of the Old Testament and in the evidence of its proximity to key themes for Old Testament theology such as promise and covenant. The approach to the subject made use of postmodern reading, that is, resources of various methods such as examination of words in the Hebrew original text, intra-biblical readings and literary parallels. The objective is to emphasize what involved the oath considering different forms and situations, which legitimize its existence in different historical moments. The developed stages were the following: introduction, definition of the term oath with approximation of theological themes, the practice and names used in the relationships and commitments to the oath. The research evidences the credibility of this practice in the biblical reality of the people of Israel, as this custom has been in use since the Patriarchal period as in the Monarchic one, among others. The article concludes that the oath was widely used in the biblical context and also in other cultures in the Ancient East. Its use was important to give honor to the oral word, but at certain times it was used as a way to legitimize cruel practices.

**Keywords:** Oath. Old Testament. Curse. Yahweh.

## INTRODUÇÃO

O juramento envolve a história bíblica do povo de Israel. A teologia do Antigo Testamento evidencia eventos nos quais a questão do juramento está arraigada à vida do povo, já no período patriarcal. Mas não é somente nos relatos patriarcais que este assunto aparece; nos livros históricos e nos livros proféticos também se observa que o juramento fazia parte da realidade e vivência do povo, ou seja, ele está envolvido na tradição do povo de Israel. Ao que parece, este tema foi a base na qual o povo firmava sua esperança relacionada a questões específicas do seu futuro.

Este artigo terá seu foco no tema juramento, que será abordado tanto na relação com a promessa da conquista da terra de Canaã, quanto em questões como: os termos hebraicos utilizados para falar do juramento; o juramento e sua relação com a aliança; fórmula do juramento; a prática do juramento e nomes de destaque para pronunciar um juramento. Observa-se que esta prática parece ser habitual para o povo de Israel, portanto questiona-se sobre os motivos do juramento no Antigo Testamento. Parte-se da hipótese que um dos maiores motivos envolvia temas teológicos; de forma mais enfática a promessa da conquista da terra de Canaã e a Aliança com os Patriarcas. Nesse sentido, destacar-se-á os compromissos e motivos do juramento no Antigo Testamento na sua prática, tanto do aspecto da relação entre seres humanos, como dos proferidos por Iavé para os seres humanos.

A análise dos textos bíblicos será feita a partir de uma hermenêutica Pós-moderna. Está hermenêutica faz uso de recursos de vários métodos considerando desde pontos histórico-gramaticais, com a finalidade de compreender de forma mais precisa o juramento no momento evidenciado no texto bíblico, como leitura de alusões intrabíblicas; alusões a paralelos históricos e literários extrabíblicos. Destaca-se que esta hermenêutica permite caminhar de maneiras diversificadas utilizando alguns métodos de abordagem como o método dedutivo, que objetiva explicar o conteúdo partindo de premissas gerais para então observar casos particulares e também o método indutivo que parte da análise de premissas particularidades para uma visão mais geral ou mesmo a dialética.

Quanto aos métodos de procedimentos será utilizado o método histórico que foca sua investigação em acontecimentos ou instituições do passado visando a compreensão específica do assunto abordado, bem como o comparativo o qual permite investigar fenômenos ou fatos com vistas a ressaltar diferenças ou similaridades de alguns elementos presentes em tempo e espaços.

Não haverá classificações ou desconstruções de qualquer que seja a forma de interpretação sobre os textos apresentados, apenas haverá sinalização para possibilidades de compreensão do tema, conforme o registro bíblico na forma encontrada. As análises dos versículos respeitosamente aceitam o texto conforme os próprios termos nele apresentados, ou seja, não serão abordadas questões de crítica. Parte-se da observação a partir do cânon textualmente confirmado.

## **1. DEFINIÇÃO DE TERMOS HEBRAICOS PARA JURAMENTO E SUA PROXIMIDADE COM TEMAS TEOLÓGICOS NO ANTIGO TESTAMENTO**

Neste ponto destacar-se-á definições da expressão *jurar* a partir de termos provenientes do hebraico, bem como os que dela se aproximam, com destaque para **שׁבּוּעָה** (*sh<sup>c</sup>bû'â*), **שׁבּעַת** (*sh<sup>c</sup>bu'â*) e **אֱלֹהִים** ('álâ). Também serão destacadas as relações existentes entre juramento, promessa e aliança.

### **1.1 O USO E O SIGNIFICADO DE TERMOS HEBRAICOS PARA DESCREVER O JURAMENTO**

Em hebraico há alguns termos que são utilizados para descrever o juramento. Um deles é **שׁבּוּעָה** (*sh<sup>c</sup>bû'â*) ou **שׁבּעַת** (*sh<sup>c</sup>bu'â*), os quais são provenientes da raiz hebraica **שׁבּעַ** (*shâba'*), que pode ser traduzida por jurar ou conjurar. A expressão *sh<sup>c</sup>bu'â* faz mais referência e é utilizada para sinalizar ritual de juramento.<sup>5</sup>

*Jurar*, quando avaliada a partir da raiz hebraica *shâba'*, aparece 184 vezes no Antigo Testamento<sup>6</sup>, sendo utilizada em graus diferentes, especialmente *nifal* e *hifil*.<sup>7</sup> No primeiro caso, geralmente o sujeito sofre a ação simples do verbo e, no segundo, geralmente o sujeito causa a ação do verbo. Na forma *nifal*, exalta-se o conceito de “prender-se a um juramento” ou estar comprometido por meio de um juramento. Exemplo bíblico de “prender-se” a um juramento é encontrado em Gênesis 26.3. Neste episódio destaca-se que havia fome na terra, então Isaque foi até a região dos filisteus para conversar com o rei Abimeleque. Um anjo lhe apareceu afirmando que ele não deveria ir para o Egito, mas ficar na terra que ele lhe mostraria, pois ali seria abençoado. Como forma de cumprimento do juramento que havia sido feito a seu pai aquelas terras seriam entregues a ele e a sua descendência. São 32 vezes nos quais *shâba'* é utilizado no grau *hifil* evidenciando a ideia de fazer alguém jurar.<sup>8</sup>

Um destaque importante a ser feito sobre *shâba'* é a proximidade desta raiz com a raiz hebraica feminina do numeral sete, a saber *sheba'*. Esta é a forma feminina utilizada para fazer a contagem dos numerais cardinais, e o texto bíblico de Gênesis 21.21-31 aproxima estes dois termos. No relato deste episódio, Abimeleque está solicitando que Abraão jure que terá uma postura correta, enquanto Abraão solicita o juramento de Abimeleque como garantia de que o poço de água será seu. Este foi um episódio no qual o juramento foi selado tendo por testemunhas sete cordeiras, por isso o local é conhecido tanto por *Bersheba* como por *poço dos sete* ou *poço do juramento*. No “mundo antigo não era incomum selar um acordo com o número sete”.<sup>9</sup> Esse é o motivo do *Hebrew-English Lexicon of the Testament* trazer a definição de *shâba'* com a paráfrase ‘setear a si mesmo, ou comprometer-se por meio de sete coisas’. Sendo assim, esse é um texto interessante no qual pode-se observar no hebraico a proximidade e a relação da expressão

<sup>3</sup> As palavras em hebraico serão escritas juntamente com as transliterações na primeira citação. Após o primeiro uso será utilizado apenas a transliteração.

<sup>4</sup> As transliterações deste artigo seguirão as indicações do seguinte material: HARRIS, R. Laird (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

<sup>5</sup> DOUGLAS, 1995, p. 892.

<sup>6</sup> A expressão Antigo Testamento, a partir daqui será abreviada para AT.

<sup>7</sup> HAMILTON, 1998, p. 1516.

<sup>8</sup> HAMILTON, 1998, p. 1516.

<sup>9</sup> HAMILTON, 1998, p. 1517.

“jurar” com “sete”, ou seja, de *shâba'* com *sheba'*.

A LXX traduz o termo *shâba'* por *omnyō* e por *horkizō*. Sobre o texto de Gênesis 21 há a compreensão de ter acontecido a ratificação de um juramento diante do sacrifício de sete animais. Nos tempos antigos, a expressão *horkos*, era o correspondente de *sh'ebû'â* e por vezes o correspondente de *'âlâ*, com a ideia de maldizer ou o ato de maldizer. O destaque do uso seria *horkos* em livros narrativos e *omnyō* em Gênesis e Deuteronômio.<sup>10</sup>

Outro termo hebraico utilizado para juramento é נַאֲלָה ('âlâ). Este termo, em seu uso na forma mais básica, aparece para indicar uma promessa solene entre indivíduos, em textos bíblicos como Gênesis 24.41 e 26.28. O termo também aparece em declarações que envolvem testemunhos diante de tribunais (Lv 5.1; Pv 29.24); diante de Deus (Nm 5.21; 1Rs 8.31; 1Sm 14.24; Ez 16.59) e em pactos solenes entre Iavé e seu povo (Dt 29.11-12). De forma mais particular o termo é utilizado em sinal de advertência vinculado à infidelidade do povo com Iavé (Dt 29.14-21; Is 24.6; Jr 23.10; 29.18; 42.18; 44.12; Dn 9.11).<sup>11</sup>

Thomson destaca *'âlâ* como uma expressão ‘mais vigorosa’, pois significa ‘um juramento de execração ou maldição invocado contra a pessoa que quebra um juramento’.<sup>12</sup> Os eventos nos quais fazia-se o uso de termos hebraicos para descrever o juramento envolviam assuntos sérios e, portanto, ele precisava ser cumprido. O não cumprimento poderia trazer punições para as pessoas, inclusive pelo próprio Iavé. O juramento também envolveu a vida do povo de Israel com Iavé em questões teológicas mais amplas, as quais serão descritas na sequência.

## 1.2 AS RELAÇÕES ENTRE JURAMENTO, PROMESSA E ALIANÇA

Kaiser, em seu livro *Teologia do Antigo Testamento*, afirma que embora o Novo Testamento<sup>13</sup> destaca o ensino do AT como sendo a promessa, ‘o AT o conheceu sob uma constelação de palavras, tais como promessa, juramento, bênção, descanso e semente’.<sup>14</sup> No aspecto do centro daquilo que diz respeito ao AT, o mesmo autor segue o debate evidenciando que ainda que o NT tenha a promessa como o centro do AT, a estas promessas Iavé acrescentou seu compromisso ou juramento. Portanto, ‘...os homens agora tinham a palavra divina e um juramento divino sobre essa palavra’ (Gn 22; 26.3; Dt 8.7; 1Cr 16.15-18; Sl 105.9; Jr 11.5).<sup>15</sup>

No AT é possível traçar uma aproximação do juramento de Iavé com a dádiva da terra. Este juramento de Iavé e a relação com a promessa da terra ocorreu inúmeras vezes em todo o AT, em textos como: Gn 22.16; 26.3; 50.24; Ex 13.5,11; 33.1; Nm 11.12; 14.16,23; 32.11; além de passagens nos livros de Deuteronômio, Josué, Juízes e Jeremias (32.22). É significativo que a promessa da terra tenha sido selada por um juramento divino, e que ela está difundida por todo o Pentateuco (Gn 50.25; Ex 13.5,11; 32.13; Nm 11.12; 14.23).<sup>16</sup>

O juramento também ganha destaque nos textos bíblicos quando descreve a promessa de bênção para Abraão e para a sua descendência, e a partir desta a todas as nações (Gn 22.16,18). O próprio José, confiando nestes juramentos feitos aos seus antepassados, fez os seus contemporâneos jurarem que levariam os seus ossos para a terra de Canaã (Gn 50.24-25).

Há outros eventos que ganham destaque que podem ser observados a relação promessa/juramento, como por exemplo com Davi quando ele trouxe a arca para um santuário antes de edificar o templo. Neste momento ele estava dando um passo importante para estabelecer o reino que Deus havia lhe concedido

<sup>10</sup> LINK, 2000, p. 1113.

<sup>11</sup> SCOTT, 1998, p. 74.

<sup>12</sup> DOUGLAS, 1995, p. 892-893.

<sup>13</sup> A expressão Novo Testamento, a partir daqui será abreviada para NT.

<sup>14</sup> KAISER, 1984, p. 14.

<sup>15</sup> KAISER, 1984, p. 35.

<sup>16</sup> CHILDS, 1993, p. 417.

(2Sm 6.17) e tanto a arca como o reino de Davi são ênfases do Salmo de número 132, o qual ‘celebra o “juramento” feito a Davi’.<sup>17</sup> Sendo assim, este Salmo aproxima a chegada da arca em Jerusalém com o juramento feito a Davi sobre a sua dinastia. Há um cumprimento de promessa/juramento efetivado neste momento. O estabelecimento do reino de Davi, conforme juramento de Iavé agora de fato aconteceu. Na realidade a promessa e sua validade são reforçadas mediante o juramento.<sup>18</sup> O juramento e promessa estão atrelados e juntos evidenciam a intensão de assegurar o cumprimento do que foi declarado.

O juramento também tem sua relação com o aspecto *aliança* na teologia e contexto do AT. Com a aliança feita aos patriarcas, também merece atenção o juramento de Deus descrito no Salmo 105.8-11.<sup>19</sup> Nestes versos, há uma exortação para que o seu povo lembre-se da aliança feita aos patriarcas. Para muitos talvez este juramento tenha sido uma questão de fé e não de visualização; para tantos outros espalhados por Canaã, um sonho inalcançável, mas o fato é que ainda na época de Davi Iavé estava agindo de forma que o juramento/promessa estava se cumprindo.

É constante a citação de um juramento na celebração de um pacto ou de uma aliança, podendo vir acompanhado de diferentes testemunhas, bem como de palavra de bênção ou maldição. Um exemplo pode ser visualizado no livro de Gênesis (26.28ss). Link lembra que Iavé jurou pelo seu nome e este juramento envolveu a promessa da terra de Canaã aos patriarcas (Dt 1.8; 6.10,18,23). Esta promessa foi selada com uma fala de juramento, por meio da aliança com os pais, conforme pode-se ler nos textos de Deuteronômio 4.31; 7.8,12; 29.12.<sup>20</sup> O livro de Deuteronômio tem uma ênfase especial na obediência aos mandamentos da aliança estabelecida com os patriarcas, especialmente e a partir do juramento.<sup>21</sup>

Pode-se dizer que a compreensão do vocábulo *juramento* é melhor quando este é contrastado com o vocábulo *aliança*. ‘No AT um juramento é uma declaração verbal e solene ou uma promessa que se faz, ao passo que a aliança é ela própria o conteúdo de um acordo’.<sup>22</sup>

A ideia de ‘entrar em aliança’, descrição encontrada em Deuteronômio 29.12, é o equivalente a ‘entrar no seu juramento/maldição’.<sup>23</sup> As promessas e a aliança envolveram os juramentos de Iavé, os quais receberam destaque nos relatos do AT, visto que a partir desse Seu juramento havia a garantia do cumprimento de sua palavra. Todos confiavam no seu pronunciamento: que Iavé não voltaria atrás (Is 45.23). A partir da compreensão dessa proximidade entre juramento, promessa e aliança, é possível verificar de forma mais específica como acontecia tal juramento proferido por Iavé ou pelas pessoas. Este é o assunto do próximo ponto.

## 2. A PRÁTICA DO JURAMENTO

Os momentos ou situações no dia a dia em que o juramento era proferido, bem como os padrões. E gestos, envolvidos neste ato serão alguns dos destaques nos subpontos que seguem.

### 2.1 BREVE HISTÓRICO DE DIFERENTES JURAMENTOS NA HISTÓRIA DO POVO HEBREU

O registro de textos como em Êxodo 22.11, descrevem que o roubo ou a destruição de algo por animais ferozes estava presente na realidade social antiga e, tais desastres, eram comprovados de duas formas: com a apresentação de algo resgatado do animal ou a partir de um juramento. Essas duas formas garantiam a inocência do suspeito diante de acusação de roubo.<sup>24</sup> Este relato mostra que o juramento

<sup>17</sup> KAISER, 1984, p. 164.

<sup>18</sup> LINK, 2000, p. 1114.

<sup>19</sup> KAISER, 1984, p. 212.

<sup>20</sup> LINK, 2000, p. 1114.

<sup>21</sup> CHILDS, 1993, p. 127.

<sup>22</sup> HAMILTON, 1998, p. 1518.

<sup>23</sup> BRUCE, 2009, p. 384. Sobre o aspecto *maldição* mais adiante haverá um destaque específico.

<sup>24</sup> COLEN, 1981, p. 166.

embora já sendo praticado foi assimilado de forma mais específica pela lei, a fim de regulamentar a relações.

Na prática do contexto do AT o juramento acontecia em uma situação mais complexa ou sob a Lei em casos nos quais as pessoas inocentes poderiam ser prejudicadas, como quando as culpadas pudessem ficar livres de punição. Nestes casos a Lei requeria o juramento para que tudo pudesse ser esclarecido. São várias as situações bíblicas nas quais se observa essa necessidade, tais como: Éxodo 22.10-11 (neste caso, alguém teria deixado seu animal ao cuidado de outro e este veio a morrer ou aconteceu outro dano a ele. Aqui o juramento era feito entre ambos, a fim de que o responsável não precisasse fazer o resarcimento ao proprietário); Levítico 6.3 (nesta situação, um indivíduo encontrou uma propriedade perdida e usou o juramento para não ser acusado de furto); Números 5.18-28 (neste episódio há suspeita de adultério)<sup>25</sup>; 1 Reis 2.43 (neste episódio exigia-se o cumprimento de condições impostas pelo senhor soberano).

Outro texto que envolve questões legais e pode servir de exemplo é 1Reis 8.31-32. Neste caso, Salomão não proferiu algo sozinho, mas junto dele estavam todos os anciãos de Israel, os líderes das tribos e das famílias. Além disso, estavam diante de Jerusalém e a arca seria trazida a Sião, para o templo.<sup>26</sup>

Além do aspecto voltado para a Lei, Youngblood, Bruce e Harrison destacam ocasiões em que o juramento poderia ser proferido, envolvendo questões legais ou não. O primeiro citado por eles seria em uma declaração solene para confirmar uma promessa. Neste caso, textos bíblicos mostram que este poderia vir acompanhado de uma palavra de maldição a fim de que fosse mantido.<sup>27</sup> Deuteronômio 27.15ss apresenta declarações de maldição no caso específico de quebra da aliança. Esta seção descreve juramento feitos em caso de violações e tem semelhança com cerimônias que acompanhavam tratados internacionais.<sup>28</sup>

A segunda situação destacada seria com a intenção de selar um acordo entre partes para que nenhuma destas quebrasse a sua palavra. Um exemplo pode ser observado no episódio relatado no texto de Gênesis 26.28ss<sup>29</sup>, quando Isaque foi para a terra de Gerar. Abimeleque e seus homens perceberam que Iavé o abençoava, por isso quiseram fazer com ele uma aliança que tinha por garantia uma palavra de juramento. Isaque fez um banquete e nesta celebração o juramento foi proferido pelas partes (Gn 26.31a). Em alguns casos de acordo entre partes o próprio Deus era o juiz dos casos.<sup>30</sup>

Um terceiro momento no qual pode ser observado o uso do juramento é no pacto entre Iavé e o povo de Israel que ocorreu no Sinai. O texto de Deuteronômio 29.11ss serve de referência nesse caso. Bruce comenta que talvez o capítulo 29 de Deuteronômio ‘seja uma intimação ao juramento da aliança, que é finalmente prestado em 30.11-20’.<sup>31</sup>

Além destes há outros casos, como em Josué 14.9, ocasião na qual há um diálogo de Josué com a família de Calebe. Calebe solicitou parte da terra e tinha por base de requerimento o juramento de Moisés (Nm 14.23-24). Aqui fica clara a seriedade com que o juramento era considerado aceito. Neste caso, mesmo que tal juramento tenha sido proferido por uma pessoa que na ocasião da conversa já estava morta, ela foi citada como forma de solicitar um espaço de terra.

Outro caso que envolve Josué está registrado em Josué 9.15. Neste relato observa-se que Josué, juntamente com a congregação, fez uma aliança com os gibeonitas, na qual prometeu poupar-lhes a vida. Esse é um episódio diferenciado, pois ainda diante de uma mentira proferida pelos gibeonitas Josué e o povo mantiveram seu juramento de protegê-los (v.10), visto que tinham jurado em nome de Iavé<sup>32</sup>. Josué e

<sup>25</sup> Sobre esse episódio sugere-se a leitura do texto de Pós-doutorado de ARTUSO, Vicente, disponível em: ARTUSO, Vicente. In.: Mulher e Teologia. *Perspectiva Teológica*. V.53 n.3 (2021). <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4527>

<sup>26</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 828.

<sup>27</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 830.

<sup>28</sup> WALTON, MATTHEWS, CHAVALAS, 2000, p. 202.

<sup>29</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 830.

<sup>30</sup> STENZEL, 1978, p. 593-594.

<sup>31</sup> BRUCE, 2009, p. 383.

<sup>32</sup> Com relação ao uso do nome de Iavé convém considerar que se evitava a pronúncia deste. Portanto, preferia-se jurar pelo יה (shēm). A expressão shēm é utilizada como forma de substituir o tetragrama (YHWH). Nos escritos rabínicos não se pronunciava o tetragrama.

os seus homens saíram em defesa dos gibeonitas quando estes foram atacadas por cinco reis amorreus (Js 10.5).

O juramento relatado em Josué aconteceu de forma coletiva, algo que se repete no livro de Juízes (capítulos 19-20). No livro de Juízes tal juramento teve por intenção a resolução de problemas que poderiam surgir após ele já ter sido proferido, pois não era possível voltar-se atrás com a palavra dita. Novamente há destaque para a seriedade da palavra jurada. Para entender essa situação específica é preciso considerar o contexto do capítulo 19 do livro de Juízes, no qual observa-se que o povo de Gibeá violentou a esposa de um levita. Diante disso, houve uma convocação à guerra, mas a tribo de Benjamim não permitiu que as demais tribos fizessem vingança contra Gibeá (Jz 20.13,14) e saiu em defesa destes. Esse apoio aos de Gibeá foi o motivo do juramento, ou seja, devido a essa situação dos benjamitas ficarem do lado dos homens de Gibeá, as demais tribos de Israel juraram que não lhes dariam suas mulheres em casamento. Assim, aconteceu um juramento solene e coletivo entre as tribos.

Com o passar do tempo veio o arrependimento por parte do povo de Israel (Jz 21.2), pois a totalidade das 12 tribos não permaneceria. A situação ficou difícil e o povo deu um ‘jeitinho’ de arrumar mulheres para a tribo de Benjamim. A solução foi encontrar algum grupo que não tivesse feito o juramento em Mispa (Jz 21.1-5). Após uma investigação, foi descoberto que Jabel-Gileade não havia participado do juramento (Jz 21.8). Doze mil homens foram enviados a Jabel-Gileade e infelizmente o problema de arrumar mulheres para a tribo de Benjamim foi resolvido matando mais pessoas (Jz 21.12). Quatrocentas mulheres virgens foram conservadas com vida e entregues aos homens de Benjamim, mas estas não foram suficientes diante da quantidade de homens da tribo de Benjamim. O juramento permanecia (Jz 21.18) e diante disso a congregação dos israelitas (Jz 21.13) orientou que os homens de Benjamim observassem a solenidade que acontecia todos os anos em Siló, fizessem emboscadas e tomassem mulheres para si no momento das danças (Jz 21.21). Nesse contexto, para manter-se a honra e cumprir o juramento coletivo aconteceram muitas atrocidades (também coletivas) injustificáveis.

O triste episódio relatado no capítulo 19 do livro de Juízes ‘representava o ponto mais baixo da moralidade e da ética em Israel, certamente a guerra que seguiu pode ser chamada a noite mais tenebrosa da alma coletiva do povo’.<sup>33</sup> Além disso, ‘de acordo com padrões de responsabilidade pactual coletiva a guerra expôs não somente a arrogância de Benjamim, mas a fragilidade de toda liga’.<sup>34</sup>

As atrocidades e desgraças cometidas por indivíduos como forma de cumprimento da palavra jurada também são visualizadas em outros textos bíblicos. O compromisso de cumprir juramentos de pares ou coletivos, perpassava gerações e as atrocidades cometidas em função deles surgem em textos bíblicos como 2Samuel 21. Neste capítulo, observa-se que na época em que Davi reinava houve fome de três anos na terra. Ao consultar o Senhor, Davi descobriu que ela aconteceu porque Saul matou os gibeonitas, ou seja, o povo por quem os antepassados de Davi (Josué) tinham jurado zelar. Quando o rei dos gibeonitas foi chamado e questionado sobre o que queria que fosse feito como forma de reparar o erro de Saul (2Sm 21.3), o pedido foi que lhes entregassem sete homens da família de Saul para serem mortos. Davi aceitou e lhes entregou dois dos filhos que Rispa teve com Saul (Armoni e Mefibosete) e cinco filhos que Merabe filha de Saul (2Sm 21.8,9). Entretanto, ele poupou ao filho de Jônatas, porque Jônatas era seu amigo e eles haviam feito um juramento de amizade (1Sm 20.42). Neste triste episódio, o relato evidencia que o não cumprimento do juramento pode ter sido o motivo dos problemas de fome e o resultado deste trato não ser levado a sério gerou muitas mortes. Com relação ao juramento de Davi com seu amigo Jônatas, este foi apenas entre eles, um juramento de amizade que não envolveu um número maior de pessoas, mas ainda assim Davi não se esqueceu de honrar ao amigo com quem havia feito um juramento (1Sm 18.3 e 20.42). A amizade de Davi e Jônatas foi selada com um juramento, e esse juramento de amizade além de ter sido feito em nome do próprio Iavé também teve Iavé como testemunha.

<sup>33</sup> BRUCE, 2009, p. 461.

<sup>34</sup> BRUCE, 2009, p. 461.

Outro exemplo pode ser observado na história de Davi e Simei. Simei foi o homem que estava opondo-se a Davi, por isso o amaldiçoou e lhe jogou pedras enquanto Davi saía de Jerusalém (2Sm 16.5ss). Quando Davi retomou o poder, Simei lhe pediu perdão e que fosse piedoso com ele, o que lhe foi concedido sob palavra de juramento (2Sm 19.20ss). Até o final de sua vida Davi honrou seu juramento e não matou Simei, mas quando estava prestes a partir orientou seu filho Salomão, para que não se esquecesse de Simei (1Rs 2.8). Salomão por certo tempo preservou a vida de Simei, mas o chamou e lhe deu uma ordem: que permanecesse em Jerusalém e dali nunca mais saísse, pois se o fizesse seria morto (1Rs 2.36-46). A ordem dada a Simei veio acompanhada de uma palavra de juramento (1Rs 2.42). Em determinada ocasião, Simei saiu em busca de seus servos que fugiram de Jerusalém e então Salomão levou a cabo seu juramento mandando matar Simei (1Rs 2.46). Neste sentido, cumprir uma palavra jurada seria o equivalente a honrá-la, mas parece que Salomão estava aguardando este momento, por causa do que Simei havia sido feito ao seu pai.

Especialmente nas histórias do rei Davi, as passagens que dizem respeito a um juramento confirmado pela evocação do nome de Iavé chamam a atenção (1Rs 1.17; 2:8,23,42). Há nelas uma extrema incongruência em buscar uma confirmação de maquinações humanas duvidosas. No caso de Simei, por exemplo, Davi jurou por Iavé que não iria matar o seu inimigo, mas antes de morrer orientou ao seu filho, Salomão, que realizasse o ato. É possível que Davi recorresse a uma forma de engano para executar sua tarefa. Ainda que a narrativa bíblica não traga implicações morais, disto fica a pergunta se nesse episódio o nome de Iavé teria sido desonrado ou o que houve foi o oposto.<sup>35</sup>

O juramento acontecia também entre pessoas da mesma família. Um exemplo disto é o juramento que o rei Saul fez a seu filho Jônatas (1Sm 19.6). Jônatas era amigo próximo de Davi, por isso quando a ele foi solicitado, juntamente com os servos de Saul que matasse a Davi, Jônatas intercedeu pelo amigo. Num primeiro momento o rei Saul jurou por Iavé que Davi ficaria vivo, mas não levou este juramento a sério, pois sempre perseguiu Davi. Nesse sentido, diferente dos demais juramentos citados, aqui a palavra do rei não estava sendo honrada.

Palavras e ações em um juramento também serviam para mostrar apreço por alguém, a tal ponto de pedir castigo caso este juramento fosse desonrado. Esse foi o caso do rei Davi quando em um momento de dor devido ao assassinato de Abner por Joabe (2Sm 3.27) jurou ao seu povo que não comeria antes que o sol se pusesse e assim o fez. Davi jurou fazendo uso de uma fórmula por meio da qual pedia o castigo de Iavé sobre si, caso não cumprisse o juramento (2Sm 3.35).

Além de Saul e Davi, muitos outros reis fizeram juramentos, o que mostra que isto era algo recorrente no meio do povo de Israel. Gedalias (2Rs 25.24) fez um juramento aos seus homens e embora o texto de 2 Reis 2.4 não deixe claro o que jurou parece ser algo que envolia os caldeus. O rei Zedequias jurou ao profeta Jeremias, em secreto, invocando o nome de Iavé (Jr 38.16). Zedequias jurou que não mataria Jeremias nem o entregaria àqueles que estavam tentando matá-lo, e solicitou que Jeremias lhe dirigisse uma palavra de Deus.

Os textos bíblicos relatam muitas desgraças que aconteceram como forma de cumprir uma palavra jurada porque esta palavra era considerada algo sério e seu cumprimento, efetivo. Os juramentos entre indivíduos ou coletivos envolviam coisas diferentes e os textos mostram a possibilidade de ambos serem feitos.

## 2.2 QUESTÕES ESPECÍFICAS NO JURAMENTO: O FALSO JURAMENTO E A INTENÇÃO DE AMALDIÇOAR

Entre os indivíduos existia o perigo do falso juramento, portanto já em textos do Pentateuco, tais como os de Levítico (19.12) e Êxodo (20.7) há destaque para a seriedade do falso juramento.<sup>36</sup> O texto

<sup>35</sup> CHILDS, 1989, p. 89.

<sup>36</sup> THOMPSON, 1991, p. 893.

de Levítico 6.3 coloca o falso juramento como um pecado associado especialmente ao roubo e à mentira (nesse caso a pessoa teria encontrado algo perdido, mas negado tal fato). Nos casos listados em Levítico 6, a inocência do suposto infrator só poderia ser determinada pelo recurso de um juramento, porque na maioria dos casos a evidência não era identificável.

Assim, o juramento era utilizado como afirmação da veracidade de uma fala, sendo que, mas em alguns casos era preciso jurar por não haver evidências para comprovar o dito proferido. A credibilidade de algo poderia ser estimulada pelo juramento (*Êx 22.10,11*)<sup>37</sup>, pois a mentira durante um juramento era algo que poderia ter como resultado alguma execução mais séria ou até mesmo a morte, conforme descrição de textos como Números 5.16ss e Ezequiel 17.16-18. Os juramentos não poderiam ser utilizados de forma indevida ou injusta contra os indivíduos<sup>38</sup>, no sentido de um perjúrio, como visto em Oséias 4.2, pois poderiam trazer sofrimento a um inocente.

Jurar falsamente ‘é o equivalente a tomar em vão o nome de Javé’.<sup>39</sup> É porque o nome de Iavé é santo e sagrado que os autores de textos pronunciaram juízos contra os que juravam falsamente (destaque encontrado em *Zc 5.3-4*). Quanto ao uso do nome de Iavé em juramento de forma inadequada é preciso lembrar que este ‘é sagrado e não deve ser usado de maneira blasfema ou num juramento que a pessoa não tem intenção de cumprir’<sup>40</sup>, destaque encontrado no decálogo (*Êx 20.7*). No caso do decálogo (*Êx 20.7*), parece que esse mandamento estaria protegendo o nome de Iavé do uso ilegítimo que poderia ser feito em juramento. A invocação do nome de Iavé para autenticar ‘um pedido maldoso ou fraudulento era convidar a intervenção furiosa do próprio Deus’.<sup>41</sup> Levítico 19.12 é outro texto que envolve o falso juramento e diz respeito ao nome de Iavé. A seriedade deste aparece no decálogo (*Dt 5.11*): o juramento em si não era proibido, mas o nome de Iavé era desonrado se o juramento estivesse sendo usado para apoiar qualquer coisa que falsa. O mandamento sustenta que Iavé puniria o infrator que fizesse uso de falso juramento.<sup>42</sup>

Sobre o juramento em nome de Iavé é preciso considerar o fato de que no Antigo Testamento não havia juramento declarado de ‘uma testemunha diante de um tribunal de justiça, ao invés disto, tem o assim chamado juramento de purificação no qual o acusado, não havendo testemunhas apropriadas, assevera a sua inocência diante de Javé, confirmando-o com maldições contra si mesmo no caso de ser ele culpado do perjúrio (*Nm 5.11-28*)’.<sup>43</sup> O próprio Davi fez um juramento e pronunciou uma maldição sobre si (Assim, me faça Deus... *2Sm 3.35*), caso não cumprisse.

O juramento de purificação é o que acontece quando há mudança da condição do campo privado para o campo jurídico. Exemplos bíblicos deste caso podem ser *Gênesis 14.22-24; Êxodo 22.7-10; Levítico 5.21-24; Números 5.12-31; Josué 22.9-24; Jó 31.1-34*. Assim ‘o juramento se torna algo especificamente religioso. No âmbito religioso, invocar Deus ou os deuses, durante o culto, e fazer um juramento são procedimentos que coexistem (*)’.<sup>44</sup>*

O texto de Levítico 5.1-4 diz respeito a questões do falso juramento considerando o testemunhar em público. Neste trecho, o versículo 4 destaca um juramento impulsivo. “Textos hititas também conectam quebra de juramento com impureza”.<sup>45</sup> Infelizmente o juramento foi utilizado de forma indevida e distorcida em momentos da história, por isso, havia casos complicados para descobrir um perjúrio, nesse sentido, considerava-se que a pessoa culpada deste receberia o julgamento diretamente de Iavé (*1Rs 8.31-32*).

Alguns juramentos entre seres humanos tinham como uma das finalidades amaldiçoar, por isso

<sup>37</sup> COLEN, 1981, p. 166.

<sup>38</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 828.

<sup>39</sup> LINK, 2000, p. 114.

<sup>40</sup> WIERSBE, 2007, Vol 1, p. 369.

<sup>41</sup> BRUCE, 2009, p. 234.

<sup>42</sup> CHILDS, 1989, p. 88.

<sup>43</sup> LINK, 2000, p. 1114.

<sup>44</sup> STENZEL, 1978, p. 593.

<sup>45</sup> WALTON, MATTHEWS, CHAVALAS, 2000, p. 123.

também é necessário considerar a palavra oral em meio ao povo de Israel, a qual tinha muito valor. A maldição pode ter proximidade com algumas imprecações, as quais tinham a finalidade de pedir que um mal caísse sobre alguém, a exemplo do episódio registrado em Números capítulos 22 ao 24.

Tais imprecações também são chamadas de juramentos negativos, como no caso da suspeita de adultério registrada em Números 5.11-31. Essa era uma maneira de pôr à prova o juramento quando queria se evidenciar a inocência. Em Gênesis 24.41 a expressão hebraica, já citada acima, *'aláh*, é utilizada com o significado de juramento/maldição, podendo em Gênesis 26.28 receber a tradução de juramento/obrigação. O juramento que envolvia maldição é descrito como um ‘tratado’ e neste as partes ‘se colocavam sob o poder e julgamento de Iavé, que era invocado e reconhecido como testemunha da validade da promessa’.<sup>46</sup>

Os exemplos bíblicos no qual alguém pronuncia palavras de maldição já são descritos desde os textos do livro de Gênesis. Noé proferiu uma maldição sobre Canaã (Gn 9.25) Isaque, sobre quem amaldiçoasse Jacó (Gn 27.29), Balaão foi contratado para amaldiçoar os israelitas (Nm 22-24); Golias invocou seus deuses e amaldiçoou Davi (1Sm 17.43). Youngblood, Bruce e Harrison afirmam que nos tempos bíblicos a crença era que a maldição ‘tinha o poder de fazer com que o mal desejado realmente acontecesse’.<sup>47</sup>

Essa relação juramento/maldição também pode ser observada em Deuteronômio 29.12 como o equivalente a ‘entrar em aliança’.<sup>48</sup> ‘O juramento de Javé, porém, também pode assumir a forma de uma maldição, mediante a qual Ele castiga a desobediência de Seu povo’.<sup>49</sup> Para Stenzel, não é possível negar essa relação entre o juramento e a maldição, a tal ponto que ele fala deste assunto como tendo uma ‘conexão’.<sup>50</sup> Conforme descrição do texto de 1Samuel 14.45, a maldição não era irrevogável, ‘mas devia seu poder à resposta soberana de Deus (1Rs 8.31ss)?’<sup>51</sup>

Por vezes, o juramento servia como maldição a fim de dar ênfase a ordens, como no episódio em que Saul (1Sm 14.24) amaldiçoou qualquer um que comesse pão antes do anoitecer. Essa situação específica envolvia um momento de guerra. Juramentos que envolvem comida aparecem em outros textos bíblicos, como Gênesis 25.33, no qual Esaú fez um juramento a Jacó vendendo o seu direito de primogenitura. O acordo de Isaque com Abimeleque também foi validado pela partilha de uma refeição junto com palavras de juramento.<sup>52</sup> Davi (2Sm 3.35) jurou não comer pão ou qualquer outro alimento antes do prato do sol porque estava jejuando em homenagem à morte de Abner.

Além disso, em alguns momentos de juramento as pessoas faziam uso da maldição sobre si mesmas.<sup>53</sup> A ideia de invocar uma maldição contra si mesmo faz alguns estudiosos entenderem que na invocação do nome de Iavé está envolvido um juramento que ‘libertava a ação de Deus’, no qual o hebreu entregava a Deus o dever de agir contra o indivíduo perjurado ou falso.<sup>54</sup>

Além da dificuldade voltada ao falso juramento ou problemas que envolviam o juramento proferido com a intenção de amaldiçoar, os escritos bíblicos descrevem gestos e fórmulas utilizadas nestes proferimentos. Tais destaques serão descritos na sequência.

## 2.3 FÓRMULAS E GESTOS SIMBÓLICOS DO JURAMENTO EM ISRAEL E NAS NAÇÕES VIZINHAS

A palavra oralizada, por si só, já é importante e valorizada na Bíblia, mas em determinados momentos, como no caso de proferir juramentos, era necessário algo mais. Assim, pode-se observar que junto à palavra

<sup>46</sup> LINK, 2000, p. 1113.

<sup>47</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 896.

<sup>48</sup> BRUCE, 2009, p. 384.

<sup>49</sup> LINK, 2000, p. 1114.

<sup>50</sup> STENZEL, 1978, p. 593.

<sup>51</sup> WILLIANS, 2000, p. 203.

<sup>52</sup> WALTON, MATTHEWS, CHAVALAS, 2000, p. 59.

<sup>53</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 828.

<sup>54</sup> THOMPSON, 1991, p. 893.

oralizada o juramento poderia estar acompanhado de alguns gestos e padrões na fala. Neste sentido, há ações ou gestos que envolviam o juramento, bem como objetos.

Embora no meio do povo de Israel pareça que não havia uma forma padrão para proferir o juramento, algumas coisas eram mais habituais, e, portanto, receberam destaque. É possível, por exemplo, observar formas ou gestos físicos que poderiam acompanhar a ação oral. No relato já citado de 1 Reis 8.31-32 observa-se que Salomão estava num juramento, junto com vários líderes em um local especial, e antes de proferir o juramento levantou suas duas mãos ao céu. Isso não necessariamente é um padrão sempre utilizado, mas neste caso parece ser uma situação considerada como uma ação legal. Bruce destaca que essa é ‘uma atitude demonstrada muitas vezes na arte do Antigo Oriente, em que o suplicante está em pé diante do rei ou deus assentado’.<sup>55</sup>

O gesto simbólico de levantar as mãos ou um posicionamento específico das mãos era habitual no contexto do povo de Israel. Em Gênesis 14.22-23, quando Abraão fez uma promessa ao rei Melquisede, levantou suas mãos e jurou que não tiraria nada dele. Abraão mostrou que realmente não queria ficar como devedor de nada, especialmente a alguém de uma cidade como Sodoma, que tinha uma reputação não muito boa. Neste episódio, o rei de Sodoma reconheceu que Abraão poderia fazer o saque e apenas solicitou que deixasse as pessoas. Abraão recusou-se a fazer qualquer saque e garantiu que manteria sua palavra fazendo um juramento com as mãos levantadas. Ele explicou que este juramento era em nome de Iavé e que não teria lucros com esta ação militar. É possível que este acordo tenha ocasionado a formulação de um documento para formalizar os termos.<sup>56</sup> O que aconteceu no episódio de Abraão com Melquisede que foi algo diferente. Este é tido como ‘um juramento promissório feito somente por Deus. Weinfeld<sup>57</sup> diz que o paralelo mais próximo a essa forma é a concessão real de terras feita por reis a servos leais. Essas concessões de terra eram tipicamente feitas para um homem e seus descendentes em perpetuidade’.<sup>58</sup>

Em textos como Isaías 2.8 e Ezequiel 20.5 o próprio Iavé aparece jurando e, simbolicamente, tanto levantando sua mão como também por sua mão direita e por seu braço poderoso. No texto de Êxodo 6.6ss Iavé falou do livramento do povo da escravidão no Egito, a fim de entrar na terra prometida aos antepassados, relembrando Sua palavra de juramento. Ele afirma que o seu braço estaria estendido, o que significava que o seu braço iria sobrepujar o do Faraó. Os egípcios eram acostumados a ouvir falar do braço estendido realizando grandes feitos. Agora, pelo gesto de levantar a mão, Iavé mostrou que era superior.<sup>59</sup>

O registro em Deuteronômio 32.40 relata o levantar das mãos aos céus como uma forma de indicar que Iavé era testemunha. Daniel 12.7 evidencia que aquele que jurava levantava sua mão direita. O profeta Daniel, em uma de suas visões (Dn 12.7), afirmou ter visto um homem vestido de linho que levantou as mãos ao céu e jurou por Iavé. Quanto a este episódio, Bruce afirma que a ‘solenidade envolve a resposta. Os juramentos eram pronunciados com uma mão levantada... ...o anjo levantou as duas. Um juramento pronunciado por aquele que vive para sempre teria força especial, pois estaria sempre validando-o, ao contrário de um rei mortal ou de uma estátua impotente’.<sup>60</sup> O levantar das mãos ao fazer o juramento era algo comum e provavelmente tinha por significado a invocação de Iavé como testemunha.

Outro gesto utilizado no juramento era o posicionamento das mãos em alguma parte do corpo. Textos bíblicos destacam o toque dos órgãos sexuais, porque estes simbolizavam ‘a vida e o poder de uma pessoa’.<sup>61</sup> O texto em Gênesis 24.2 relata um juramento em que isto aconteceu: ocasião na qual o servo de Abraão, possivelmente Eliézer (Gn 15.2), foi para a terra do patriarca para encontrar uma esposa para

<sup>55</sup> BRUCE, 2009, p. 552.

<sup>56</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 47.

<sup>57</sup> JAOS 90 [1970], p. 184-203; TDOT 2, p. 270-272.

<sup>58</sup> WENHAM, 1987, p. 396.

<sup>59</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 81-82.

<sup>60</sup> BRUCE, 2009, p. 1207.

<sup>61</sup> YOUNGBLOOD, 2004, p. 828.

Isaque, filho de Abraão. O juramento de obediência feito pelo servo de Abraão, foi sincero e ele manteve sua palavra.<sup>62</sup> Tal juramento envolveu três questões, a saber: não seria escolhida uma esposa para Isaque dentre as cananeias; seria dos parentes de Abraão e Isaque não seria levado de volta para a terra de Abraão.

O servo de Abraão, concordando com estas condições estabelecidas, por seu senhor fez um juramento considerado solene, no qual tocou a coxa<sup>63</sup> de seu senhor. Essa era ‘a mais severa forma de juramento’.<sup>64</sup> O gesto adicionado ao juramento geralmente simbolizava um vínculo de obediência. No caso do servo de Abraão, ele estava mostrando que seria obediente na busca de uma esposa para Isaque.<sup>65</sup>

O servo colocou a mão debaixo da coxa (**תַּךְ** - yārēk<sup>66</sup>) de Abraão (Gn 24.2) e assim pronunciou o juramento em nome de Iavé. Segundo a história, em Gn 47.29-31, o filho de Isaque, Jacó, teve uma atitude semelhante: quando estava prestes a morrer pediu que seu filho José levasse seus ossos para serem enterrados junto aos de seus pais e este juramento também foi proferido com a mão debaixo da coxa. Para alguns autores a mão sob a coxa é um símbolo solene de juramento, de forma mais especial no período patriarcal (Gn 24.9). Quando Jacó teve uma luta com o anjo em Peniel, essa foi a parte atingida.<sup>67</sup> O ‘caráter intimamente reservado da coxa e sua associação com a idéia de procriação deram tom particularmente solene ao juramento’.<sup>68</sup>

Além disso, quem proferia o juramento poderia enfatizá-lo entregando com suas próprias mãos um presente àquele a quem era feita a promessa (a exemplo do registro em Gênesis 21.21-32) e, ainda, sacrifícios de animais poderiam fazer parte da solenidade de juramento. Assim, o texto de Gênesis 21.21-32 mostra que o juramento também poderia envolver algum objeto ou animal. O objeto envolvido servia como um testemunho do juramento (e aqui há muita proximidade com aliança) feito entre partes. Pode-se pensar que “ao andar no meio das carcaças dos animais, na realidade, Abraão e Abimeleque estavam dizendo: ‘Que Deus faça o mesmo e até mais conosco, se não mantivermos nossa aliança um com o outro’”.<sup>69</sup> Neste episódio, com este juramento envolvendo animais, eles juraram manter a aliança e o problema findou-se.

Além de gestos, os textos bíblicos também apresentam determinadas falas, ou as chamadas ‘fórmulas’, as quais eram utilizadas nos momentos em que os juramentos eram proferidos. Nestes casos ‘uma forma muita antiga de juramento é a praxe de convocar Javé como testemunha entre dois sócios: “Deus é testemunha entre mim e ti” (Gn 31.50; cf. 1Sm 20.12)’.<sup>70</sup> O próprio Iavé fez uso dessa fórmula, e no caso de juramentos divinos a fórmula normalmente utilizada era ‘como eu vivo, diz o SENHOR’ (Nm 14.21).<sup>71</sup>

Ao fazer o juramento também havia o costume de invocar sobre si uma maldição caso este fosse quebrado, e em tais invocações também verifica-se o uso de fórmulas. Neste caso tal juramento teria um peso diferenciado.<sup>72</sup> Um exemplo pode ser observado no relato de 1Samuel 20.13, no qual aparece a fórmula: ‘Assim me faça o Senhor, e ainda mais, se...’. Mas a fórmula mais habitual era ‘Tão certo como vive o Senhor...’, a qual pode ser observada em textos como Juízes 8.19 e 1Samuel 20.3. Esta segunda forma de proferir o juramento era utilizada em situações como quando envolvia a vida do rei, conforme descrito em 1Samuel 17.55, bem como quando relacionada a pessoa à qual se dirige a fala, como em 1Samuel 1.26.<sup>73</sup>

Ao escrever sobre o tema central do AT, Kaiser faz menção a algumas fórmulas que aparecem no texto

<sup>62</sup> WIERSBE, 2007, p. 139.

<sup>63</sup> Coxa é um eufemismo para órgãos genitais.

<sup>64</sup> BRUCE, 2009, p. 199.

<sup>65</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 55.

<sup>66</sup> O termo hebraico *yārēk* em vários textos como (Gn 46.26) significa descendência.

<sup>67</sup> HARTLEY, 1998, p. 668.

<sup>68</sup> KIDNER, 2001, p. 136.

<sup>69</sup> WIERSBE, 2007, Vol 1, p. 127. Observa-se aqui o uso de uma fórmula.

<sup>70</sup> LINK, 2000, p. 1113.

<sup>71</sup> WENHAM, 1987, p. 396.

<sup>72</sup> LINK, 2000, p. 1113.

<sup>73</sup> LINK, 2000, p. 1113.

bíblico e são utilizadas pelo próprio Iavé. Ele comprehende que o centro do AT vai além de palavras isoladas; portanto destaca fórmulas de epitomização que descrevem a ação central de Iavé. Estas são sucintas, e dentre as citadas destaca-se a ideia de que ‘o conteúdo era uma “bênção” divina, uma “palavra dada”, uma “declaração”, um “compromisso” ou “juramento” de que o próprio Deus, livremente, faria ou seria algo em prol de todos os homens, nações e natureza de modo geral’.<sup>74</sup> Sobre estas fórmulas, Thomson afirma que no ato de ser feito um juramento podem ser encontrados vários meios e fórmulas.<sup>75</sup>

Outros textos, como Deuteronômio 28.29; Josué 22.22-39 e Neemias 5.12-13 também apresentam fórmulas, gestos e ritos, a partir dos quais os indivíduos desejavam o mal não somente a si, mas para outros também. Especialmente quando havia a celebração de um tratado, o próprio Deus era o árbitro entre o juramento dos pares.<sup>76</sup>

Sobre as fórmulas de juramento, existe a possibilidade delas terem ou a elas serem atribuída ‘diferente força obrigatória’. Por isso, se jurava pelo céu, pelo templo, pela terra ou por uma parte do corpo. Como os juramentos envolviam alguma celebração, acordo ou pacto, era normal que Iavé fosse citado como testemunha das partes (Gn 31.53) juntamente com outros objetos (Gn 31.44,50). Embora no AT o juramento fosse proferido em nome de Iavé e Ele fosse testemunha, no texto de Cantares observa-se um juramento que tem por testemunhas os cervos e as corças do campo, mas neste caso trata-se de ‘um juramento na sua presença dêles e não “por” eles’.<sup>77</sup> Portanto, havia testemunhas que estavam presentes no ato do juramento. O próprio Moisés citou os céus e a terra como testemunhas para falar da relação do povo de Israel com Iavé (Dt 4.26). Por vezes, uma pessoa, uma coluna ou um altar serviam como testemunha de um juramento (Gn 31.45-52; Js 22.26-28; 24.22,24-27). A importância do juramento está muito relacionada com o objeto sobre o qual o juramento acontecia. Por isso, as pessoas juravam pelo céu, pela terra, por cidades como Jerusalém, por partes do corpo humano, pelo templo, e, muitas vezes, pelo nome de Iavé.

Sobre o juramento em nações vizinhas do povo de Israel, pode-se observar a semelhança do registro de Levítico 19.11-19 com aquilo que acreditavam na sociedade do Oriente Próximo. Levítico 19.11-19 apresenta um conjunto de decretos apodílicos semelhantes aos do Decálogo (Êx 20.1-17). Eles fornecem um conceito ainda mais completo do contrato social entre Deus e Israel, e também dos direitos e obrigações dos israelitas entre si. Não há outros exemplos de um contrato social como este que tenha sido feito entre outros povos e suas divindades. No entanto, acreditava-se que os antigos deuses do Oriente Próximo tinham preocupação com a justiça na sociedade, e as pessoas se consideravam responsáveis perante eles. Acreditava-se que estes julgavam a conduta das pessoas e eram chamados a testemunhar o comportamento do ser humano. Por isso, os contratos sociais que tratavam do comportamento humano com os vizinhos de Israel eram feitos entre as partes humanas com os deuses os quais eram invocados por juramento para serem protetores.<sup>78</sup>

Outra forma de compreender o juramento nas nações vizinhas a Israel pode ser vista a partir da similaridade do texto de Número 5.16-17, que trata das ações de um sacerdote, com um texto de Mari (noroeste da Mesopotâmia). Este relato de Mari fala de um julgamento por provação no qual os deuses eram convidados a beber água que continha sujeira retirada do portão de entrada da cidade. Isto vinculava os deuses ao juramento de proteger a cidade.<sup>79</sup> Sobre o juramento proferido por uma mulher, no código de Hammurabi<sup>80</sup>, a citação de número 131 informa que a mulher supeita ou acusada de adultério pelo próprio marido, em caso de não ter ocorrido flagrante, poderia ser absolvida mediante juramento feito ao seu deus

<sup>74</sup> KAISER, 1984, p. 37.

<sup>75</sup> THOMPSON, 1991, p. 893.

<sup>76</sup> STENZEL, 1978, p. 593.

<sup>77</sup> STENZEL, 1978, p. 594.

<sup>78</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 133.

<sup>79</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 145.

<sup>80</sup> BOUZON, 1987, p. 62.

diante da cidade. Isto mostra que o juramento tinha muito valor no código de Hamurabi, diferente do texto de Números no qual a mulher precisaria além de jurar se submeter ao ordálio<sup>81</sup>. Neste sentido, o juramento no relato bíblico, neste episódio apresenta menos valor ou credibilidade.

O código de Hammurabi também aborda o tema juramento em mais dois momentos. Na parte oito, número 120, sobre *Contratos de Depósitos* o código prevê no caso de alguém guardar cereais na casa de outra pessoa, por motivos de segurança e ocorrer os seguintes problemas: a) danos durante a estocagem; b) o proprietário da casa utilizar parte destes cereais; c) se for negado que os cereais estão armazenados em determinado ambiente, o proprietário dos grãos poderá solicitar os cereais ante aos deuses (sob juramento), e o proprietário da casa deverá pagar pelos grãos que tomou para si. Na parte doze, número 207, sobre *Delitos e Penas* (lesões corporais, talião, indenização e composição) o código de Hammurabi prevê que se o homem morrer por um determinado ferimento, aquele que o feriu deve proferir o mesmo juramento, e se o falecido tiver sido um homem livre, o outro deverá pagar 1/2 mina de ouro em dinheiro.<sup>82</sup>

O texto de Deuteronômio 28 tem similaridades com antigas maldições e bênçãos de tratados do Oriente Próximo. Maldições e bênçãos são elementos padrão dos antigos tratados doterceiro, segundo e primeiro milênios a.C., embora tenham suas variações em termos de especificidade e proporção. Se os documentos do tratado eram confirmados por juramento em nome deditivindades, as maldições e bênçãos eram trazidas pelas divindades não pelas partes no tratado. Isso mostra similaridade com julgamentos que envolviam Iavé, mas neste caso Ele não era somente o executor, mas parte do pacto. Muitas das maldições descritas neste texto também são encontradas de forma semelhante na redação de tratados Assírios do século VII a.C.<sup>83</sup>

Por vezes, é possível verificar a semelhança de questões de juramento na prática do povo de Israel e outras nações como visto acima; entretanto, em alguns casos como em Josué 6.26 (na maldição em caso de reconstrução de uma cidade) isso não ocorre. Inscrições assírias geralmente mostram a intenção de destruição de um objeto, mas não são acompanhadas de um juramento como no relato bíblico. Porém há um documento hitita sobre a conquista de Hattusha no início do segundo milênio no qual há o pronunciamento de uma maldição sobre quem reconstruísse a cidade.<sup>84</sup>

Alguns grupos, como os essênios, viam no juramento um perjúrio, pois tinham a palavra como algo tanto mais forte como mais eficaz do que o juramento, mas Stenzel mostra que conforme ‘textos de Qumrân e o Escrito de Damasco, parece, entretanto, que a prática era diferente...’, pois ao entrar no grupo um juramento acontecia, e demais juramentos só poderiam ser realizados pelos juízes.<sup>85</sup> O juramento era proferido por demais nações, mas os relatos bíblicos se diferenciam nos seus registros, mostrando situações e épocas diferenciadas em que este era utilizado.

No geral os juramentos envolviam uma pessoa que era soberana. Muitas vezes o nome de Iavé estava envolvido e Ele jurava por si mesmo. Esse é o destaque do ponto que segue.

### **3. NOMES USADOS NAS RELAÇÕES DE JURAMENTO E NO SEU COMPROMISSO**

No contexto bíblico do AT quando alguém fazia um juramento estava comprometendo sua palavra, de uma forma oficial. A partir desta palavra de juramento, o indivíduo estava afirmando que iria fazer o que combinou, bem como ‘...deixaria de fazer algo errado (Gn 21.23)’.<sup>86</sup> As relações de juramento aconteciam

<sup>81</sup> Fohrer informa que os “Atos ou pessoas suspeitos eram testados por um ordálio” (FOHRER, 1982, p. 257).

<sup>82</sup> BOUZON, 1987, p. 58.

<sup>83</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 203.

<sup>84</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 218.

<sup>85</sup> STENZEL, 1978, p. 594.

<sup>86</sup> HAMILTON, 1998, p. 1517.

entre indivíduos, mas o próprio Iavé fazia uso do juramento, como se observa a seguir.

### 3.1 O JURAMENTO EM NOME DE IAVÉ OU DE SOBERANOS

Como já foi citado no meio do povo de Israel parece que não havia uma forma padrão para proferir o juramento, mas algumas coisas são mais habituais e recebem destaque como jurar em nome de Iavé<sup>87</sup> ou de alguém considerado soberano. Isso pode ser observado tanto em textos do Pentateuco (Gn 21.23), como nos livros Históricos (1Rs 2.8) e nos Proféticos (Is 48.1).

O uso do nome de Iavé em juramentos era algo sério para o povo hebreu e trazia maior formalidade a este. Além disso, o juramento era feito por alguém que era reconhecido como ‘maior e mais precioso do que aquele que fazia o juramento (e.g., 1Rs 2.8, “eu pelo SENHOR lhe jurei”)?<sup>88</sup> Um exemplo do uso de nome soberano pode ser lido no relato de 2Reis capítulo dois. Neste relato, Eliseu em uma determinada situação, estava junto com seu mestre Elias e lhe dirigiu palavras que envolvem a fórmula de juramento já citada: ‘Tão certo como vive o Senhor’ (2Rs 2.2,4,6), mas junto a estas palavras ele acrescentou expressões que faziam referência a *alma de Elias*. Este é um caso em que foi utilizada a fórmula juntamente com o nome de alguém respeitado e considerado superior (Elias) em relação a quem falava (Eliseu), para indicar a veracidade de uma ação a ser realizada. Neste caso, Eliseu mostrou que permaneceria junto de Elias até sua partida.

O juramento feito em nome de um deus conferia pesada responsabilidade àquele que jurava no sentido deste cumprir suas obrigações, pois se não cumprisse sua palavra estaria sujeito ao castigo tanto divino como humano.<sup>89</sup> O uso do nome de Iavé servia para confirmar a veracidade de uma palavra humana. O apelo divino, por vezes, era utilizado quando todos os outros meios de estabelecer a verdade tinham falhado; assim, a pessoa descansava evocando o nome de Iavé e apelando para o apoio divino.

Os juramentos em nome de Iavé eram considerados poderosos e eficazes e tal pronunciamento demonstrava que a divindade era verdadeiramente considerada poderosa. O povo de Israel herdou as cidades e demais coisas dos cananeus; entretanto, os israelitas não herdaram os deuses destas nações e, por isso, não deveriam jurar em nome destes. Uma das maneiras de demonstrar sua rejeição a esses deuses era recusar-se a atribuir poder a eles por meio de juramentos.<sup>90</sup>

Jurar pelo Senhor e ao mesmo tempo por outra divindade, reconhecendo está como sendo igual ao Deus verdadeiro, constituía-se uma grande ofensa, além de ser proibido (Js 23.7). O texto de Jeremias 5.7 mostra que dentre os pecados de Jerusalém estava o fato de alguns jurarem por aqueles que não eram deuses. Isto não era aceito, considerando que o próprio Iavé solicitou que o seu nome deveria ser o nome utilizado pelo seu povo em situações de juramento (Dt 6.13; Is 19.18).<sup>91</sup> Isto é tão sério que há um mandamento sobre o uso do nome de Iavé (Êx 20.7), o qual se destinava a garantir que o uso do nome de Iavé em juramentos, votos e tratados fosse levado a sério.<sup>92</sup>

Em Gênesis 31.53 lê-se que Jacó jurou pelo Temor de seu pai, Isaque, o que seria o equivalente a jurar por Iavé. O Temor de Isaque era o Deus de Abraão, o qual ficou assim conhecido por Isaque, devido à experiência de sacrifício, ou seja, o Deus soberano de Abraão havia solicitado a Abraão que este sacrificasse seu filho. Diante desta experiência, Temor de Isaque é uma forma de referir-se a Iavé.

Dentre os textos que descrevem relatos de juramento em nome de Iavé, o já citado episódio, de Josué com os gibeonitas chama a atenção, pois mesmo diante da descoberta da mentira dos gibeonitas, Josué e

<sup>87</sup> Sobre o nome de Iavé, Fohrer discorrendo sobre Culto e Ética destaca que o culto no início do javismo mosaico não tinha uso de imagens, assim como não havia nenhum nome próprio para Iavé (FOHRER, 1982, p. 93).

<sup>88</sup> HAMILTON, 1998, p. 1517.

<sup>89</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 55.

<sup>90</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 178.

<sup>91</sup> HAMILTON, 1998, p. 1517.

<sup>92</sup> WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2000, p. 95.

todo o seu povo não buscaram a vingança pelo fato do seu juramento ter sido feito em nome de Iavé (Js 9.18). A congregação reclamou aos líderes, mas a palavra jurada foi mantida (9.19): poupariam a vida dos gibeonitas para que não fosse manifesta a ira do Senhor sobre eles. O fato de os israelitas terem sido enganados propositadamente e ainda assim não retrocederem em seu juramento mostra o quanto sagrado era considerado o juramento em nome de Iavé.

Como já foi citado, Davi e Jônatas juraram e selaram sua amizade em nome de Iavé (1Sm 20.42) e Ele foi a testemunha. O rei Saul proferiu um juramento em nome de Iavé quando fez uma consulta à feiticeira da cidade de En-dor. Ele vivia um momento de crise e diante do silêncio de Iavé e dos profetas (1Sm 28.6) foi à procura da feiticeira de En-dor para tomar decisão de guerra. O próprio Saul havia proibido a consulta à necromancia, por isso houve a recusa da feiticeira em atendê-lo. Diante de tal recusa, o rei proferiu o juramento em nome de Iavé (1Sm 28.10) e garantiu que nada lhe aconteceria.

Davi jurou em nome de Iavé para Bate-Seba que Salomão reinaria após ele (1Rs 9.30) e assim aconteceu. Salomão também jurou em nome de Iavé (2Rs 2.23,25) que mataria seu irmão por este querer tomar o seu trono, e assim o fez. Portanto, a invocação do nome de Iavé durante o juramento serve para garantir a realização da ação proferida. Em algumas ocasiões em que o juramento levava o nome de Iavé, como em 2 Crônicas 15.14,15, havia alegria e satisfação.

Independentemente das situações em que o nome de Iavé é proferido no juramento, Ele é citado para trazer afirmação quanto ao seu cumprimento e é a principal das testemunhas da palavra proferida. Quem jura em nome de Iavé, junta-se a Ele. Mas não eram somente pessoas que faziam juramentos, poi o próprio Iavé também fazia. Além disso, havia uma obrigação por parte daquele que fazia o juramento em cumprí-lo. Abaixo segue uma descrição neste aspecto.

### **3.2 A DESOBRIGAÇÃO DO CUMPRIMENTO DO JURAMENTO**

Sobre a obrigação do cumprimento de uma palavra jurada, destaca-se que isto era ‘coisa séria, especialmente numa sociedade nômade, que não dispunha de registros de julgamentos e dependia exclusivamente de testemunhas verbais’.<sup>93</sup> Embora o juramento fosse inalterável, observa-se que havia pequenas possibilidades de uma pessoa ficar desobrigada de seu juramento. Textos como o de Gênesis 24.8 mostram uma destas possibilidades. No caso do episódio ali relatado Abraão, por meio de um juramento, fez um acerto para que seu servo fosse buscar uma esposa ao seu filho Isaque, dentre seus parentes. Abraão estabeleceu uma condição que desobrigaria o servo do juramento: se a mulher se recusasse a vir junto com ele. Houve o reconhecimento de uma impossibilidade de cumprimento do juramento, o que resultaria na desobrigação do que foi estabelecido.

O Pentateuco evidencia que, no caso de uma das partes descumprirem o trato, a outra ficava desobrigada do cumprimento da palavra jurada. Mas na relação de Iavé com o povo textos como os de Deuteronômio 4.31 e 7.8,12; revelam que Iavé cumpria seus juramentos independentemente do que seu povo fizesse, pois estes são baseados no compromisso com os antepassados e no seu amor e misericórdia. O texto de Isaías 54.9-10 revela que os juramentos de Iavé têm por base Seu amor e Sua misericórdia e, portanto, ele (o profeta) concentrou-se no juramento de Deus, que nunca mais iria destruir a terra por meio de um dilúvio, baseado no seu duradouro amor por Israel.<sup>94</sup>

O texto bíblico de Números capítulo 30 é outro caso que mostra a desobrigação de cumprir um juramento. Nele há o relato da possibilidade de um pai ou o marido de uma mulher terem o direito de declarar o juramento dela como inválido, desde que a palavra de invalidade fosse anunciada no dia em que ficou sabendo de tal juramento; depois disto a desobrigação não teria mais validade. Outro episódio no qual pode ser observada a desobrigação de cumprimento de um juramento está descrito no livro de Josué 2.7-20. Neste relato após Raabe ter solicitado que os espíritos jurassem salvá-la por ela ter sido bondosa no

<sup>93</sup> HAMILTON, 1998, p. 1518.

<sup>94</sup> WENHAM, 1987, p. 263.

momento em que vieram olhar a terra de Canaã, os homens afirmam que estariam livres do juramento caso ela descumprisse sua parte: pendurar uma corda de linha vermelha na janela quando eles invadissem Jericó ou se alguém da família saísse da casa ou se contasse a alguém da sua terra o que eles estavam fazendo.

Em alguns momentos o povo não estava liberado de cumprir o seu juramento, mas alguns profetas relatam que houve falsidade nas palavras proferidas. Alguns profetas não criam no cumprimento do juramento feito pelo povo à Iavé o que ficou registrado, como quando Oseias falou ao reino norte diante da apostasia da nação. Ele afirmou que houve uso de palavras vãs e juramento falso (Os 4.10). Neste caso ele está se referindo à aliança e à falta de esforço dos líderes em cumprir suas palavras no dia da coroação ‘renovadas anualmente, então eram juramentos [...] falsos’.<sup>95</sup> Sendo assim, o cumprimento ou a desobrigação de um juramento deve ser observado tanto da perspectiva de Iavé para com a nação quanto da perspectiva contrária.

### 3.3 OS JURAMENTOS DE IAVÉ E O SEU COMPROMISSO DE CUMPRI-LOS

Não somente as pessoas usavam o nome de Iavé em seus juramentos, pois o próprio Deus também o fez, mostrando com isto sua soberania e que iria cumprir sua palavra. Mas Ele não jurou somente por seu grandioso nome, como pode ser observado em textos como Gênesis 22.16 e Jeremias 44.26. Ele também jurou por sua santidade, como visto em Salmos de número 89.13,35,36ss; e por sua própria vida, conforme Ezequiel 33.11, por exemplo.

O juramento em Gênesis 22.16 é o primeiro juramento divino registrado nas histórias patriarcais, o qual é seguidamente lembrado em outras passagens (Gn 24.7; 26.3; 50.24 e Ex 13.5; frequentemente em Deuteronômio). A expressão precedente “por mim mesmo”, dá ao juramento uma solenidade e peso especial (Jr 22.5; 49.13; Amós 4.2; 6.8; Hb 6.13-18).<sup>96</sup>

As palavras de juramento de Iavé em seu nome envolveram promessas ao povo de Israel ao longo da história. Muitos eventos da história do povo de Israel são relembrados nos escritos bíblicos com a palavra de juramento de Iavé. Um deles e de maior destaque, trata-se da terra prometida. Desde o Pentateuco há indicações de Iavé fazendo juramento com relação a esta terra. José (Gn 24.8), antes de morrer, afirmou que Iavé jurou (Gn 5.24 e 17.8) entregar a terra de Canaã para descendência de Abraão. Essa promessa de Iavé também foi relembrada por Moisés (Ex 13.5,11) em celebração e no momento da consagração dos filhos primogênitos. Em alguns momentos de essencial importância, como no episódio no qual Moisés estava recebendo as tábua da Lei pela segunda vez (Dt 10.11), um dos destaques foi o juramento feito aos pais por Iavé.

O juramento feito a Abraão é frequentemente citado, pois garante o sucesso e a proteção de seus descendentes e sua esperança de eventualmente se estabelecerem em Canaã (Gn 26.3; 50.24; Ex 33.1; Dt 1.8).<sup>97</sup> O relato de Deuteronômio 11.9,21 e 26.3, mostra que após a conquista da terra, no momento da festa das primícias, o povo deveria relembrar o juramento feito por Iavé, ou seja, na celebração das primícias, o sacerdote deveria declarar que a conquista da terra foi um cumprimento do juramento que Iavé havia feito aos pais em períodos passados. Este juramento estava acompanhado de uma promessa de vida prolongada na terra prometida, além de bênçãos se o povo seguisse seus mandamentos (Dt 28.11) em Canaã. Se assim eles procedessem, eles se multiplicariam e seriam exaltado entre as nações.

O compromisso de Iavé em cumprir seu juramento estava condicionado ao compromisso da descendência de Abraão em guardar a aliança por eles firmada (Gn 17.9ss). Textos do Pentateuco (Ex 13.5,11; Dt 29.12ss; Dt 29.11-15; 30.20) deixam claro que este juramento de bênçãos feito por Iavé com Abraão, Isaque e Jacó atingiria gerações futuras, inclusive estrangeiros (Dt 29.11-15) mediante o cumprimento dos mandamentos entregues ao povo. Deuteronômio 29.1 até 30.20 é visto como uma

<sup>95</sup> BRUCE, 2009, p. 1221.

<sup>96</sup> WENHAM, 1987, p. 156.

<sup>97</sup> WENHAM, 1987, p. 161.

‘intimação ao juramento da aliança que é finalmente prestado em 30.11-20’.<sup>98</sup> No texto de Deuteronômio 29.10-16 observa-se que fazer parte da aliança significava entrar no compromisso de juramento que Iavé assumiu no passado com Abraão, Isaque e Jacó (no caso estrangeiros poderiam também, além das gerações futuras). A aliança foi feita tanto com o povo de Israel como com outros povos que estavam junto com este, então o juramento era de ambos. Tanto em Deuteronômio como em outros textos pode-se observar o juramento de Iavé em seu próprio nome com o uso da fórmula “Tão certo como Eu vivo...” (Nm 14.21; cf. Gn 22.16; Am 6.8).

Na entrada do povo de Israel em Canaã pode-se ver que o juramento de Iavé foi efetivado. Mesmo diante das falhas do povo em manter-se fiel a Iavé, pois serviram ou fizeram alianças com outros deuses (Jz 2.1), Iavé cumpriu o seu juramento. Neste sentido, ‘Javé, garante com um juramento a veracidade da Sua Palavra, de tal modo que o Seu juramento é o equivalente a uma corroboração da Sua promessa. Prometeu que daria a terra de Canaã aos patriarcas (Dt 1.8; 6.10,18,23), e selou com o juramento – a aliança feita com os pais de Israel (Dt 4.31; 7.8,12; 29.12s)’.<sup>99</sup>

Com relação ao povo receber a terra houve uma dificuldade, conforme o relato em Números 32.7-12. As tribos de Rúben e Gade solicitaram para Moisés alojarem-se na região de Gileade, visto esta terra era próprio para a criação de gado, e como criavam gado seria interessante para eles. Isso gerou um problema, pois conforme o registro bíblico essa solicitação desencorajou os demais a entrarem na terra prometida e por isso Moisés relembrou o juramento de Iavé em Números 14.21-24 de que todos os homens que saíram do Egito com mais de 20 anos não entrariam na terra prometida junto com Calebe e Josué.

O relato do texto de Deuteronômio 1.34 também evidencia este mesmo juramento no qual Iavé afirmou que o povo não entraria na terra prometida, com exceção dos filhos que não sabiam distinguir entre o bem e o mal, além de Calebe e Josué. A descrição de Deuteronômio 1.34 enfatiza que o motivo do juramento de Iavé foi devido à incredulidade do povo diante do relato de Calebe e Josué quando foram espiar a terra de Canaã. Esta incredulidade do povo atingiu a própria vida de Moisés, de forma que o juramento de Deus impediu até mesmo o líder de entrar em Canaã (Dt 4.21). Não há texto que mostre Moisés reclamando por esta decisão. Parece que o efeito pedagógico das ações, ou seja, os erros de um afetam muitos, era bem aceito neste período. Assim, o fato de alguns homens não terem entrado em Canaã, conforme relatos de Números 32.10,11; 14.23; Deuteronômio 1.34 e Josué 5.1ss, confirmam o cumprimento do juramento de Iavé. Alguns entraram, mas isso não ocorreu devido o povo ser justo, ter retidão de coração ou algo assim. Isto significa apenas que Calebe, Josué e aqueles que tinham mais de vinte anos adentraram a terra de Canaã, conforme o juramento de Iavé no registro de Deuteronômio 9.5.

A promessa de multiplicação do povo no novo local tem por base o juramento de Iavé o qual seria cumprido mediante observância de algumas coisas descritas em Deuteronômio 13, a saber: o povo não poderia seguir deuses estranhos (v.1-3); seguir e temer somente a Iavé cumprindo e obedecendo aos seus mandamentos (v.4); não servir mas ficar longe dos deuses da terra (v.6) e não tomar para si nenhum objeto das cidades destruídas e condenadas (v.12-17). Mesmo diante da desobediência, Iavé abençoou Israel e o povo multiplicou-se grandemente.

Textos dos livros proféticos também descrevem juramentos de Iavé. Um dos casos está registrado em Isaías 14.24. Neste relato, Iavé juro que a Assíria seria destruída. Ainda neste livro, no texto de Isaías 62.8, Iavé juro que iria proteger Sião. Em Jeremias 51.14, Iavé juro por Ele mesmo em um momento de condenação à Babilônia. Em Amós 3.2, Ele juro por sua santidade que o reino norte, mas especificamente Basã, sofreria nos dias que estavam por vir.

Em Amós 6.8, pode-se observar Iavé jurando por si para indicar que os líderes tinham uma vida boa, mas, da mesma forma que o povo de Israel estava sofrendo eles também sofreriam. Em Amós 8.7, Iavé afirmou que não esqueceria as obras daqueles que faziam o necessário e o pobre sofrerem. Alguns textos,

<sup>98</sup> BRUCE, 2009, p. 383.

<sup>99</sup> LINK, 2000, p. 114.

como os de Amós ou o de Jeremias 44.26, mostram que quando Iavé jurava por seu grande nome, ou pela glória de Jacó é porque coisas complicadas estavam acontecendo.<sup>100</sup>

Os juramentos de Iavé revelam a certeza de seu cumprimento. Tendo esta palavra verbal cumprimento certo, pode-se perguntar por que Ele fez juramentos, já que é impensável que Ele mudaria de ideia após proferir uma palavra verbal. A resposta é que Ele fez juramentos para beneficiar os patriarcas e sua descendência. Os juramentos são uma forma de Iavé ensinar as gerações a crer que Ele cumprirá suas promessas de maneira absoluta, independentemente das circunstâncias.<sup>101</sup>

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa mostrou que o juramento estava presente na realidade do povo de Israel, assim como em outras nações. Entretanto, a sociedade de Israel tinha suas particularidades em determinados aspectos do juramento proferido. Algumas análises ajudaram na compreensão de seus valores neste assunto, mostrando como este acontecia nos relacionamentos pessoais, comunitários e com o Deus Iavé, o qual era por eles adorado. Uma destas análises aconteceu a partir do uso da expressão *juramento* nos textos do AT. Os termos hebraicos apresentados mostraram que o juramento pode fazer referência ao ritual de um juramento. A raiz da palavra *jurar, shāba'*, recebe destaque pelo número de aparições no AT, mas a expressão '*ālā*' também é utilizada para juramento, sendo que o uso destes termos evidencia ações, promessas solenes e compromissos em pares, os quais envolvem testemunhos diante de tribunais ou do próprio Iavé. Neste sentido, o juramento oralizado tem equivalência a um contrato escrito, o qual no decorrer da história do povo de Israel sofreu mudanças. Há momentos em que apenas a palavra oralizada era suficiente e aceita entre pares, mas com o passar do tempo a este ritual foram inseridos alguns objetos.

O juramento também tem forte destaque com alguns temas da teologia do AT, como promessa e aliança. Iavé acrescentou a suas promessas o compromisso de juramento, sempre junto a manifestações de amor. O juramento com a promessa da terra ganha destaque em diversos versos bíblicos de todo AT, bem como a benção sobre a descendência do patriarca Abraão. A relação entre juramento e aliança também é constante por todo o AT e este juramento ligado à aliança também está atrelado ao juramento proferido por Iavé em seu próprio nome.

A prática do juramento envolvia situações diversas e no contexto cotidiano este ocorria com o uso de diferentes gestos e palavras. As situações nas quais o juramento era proferido aparecem desde o Pentateuco e dizem respeito a aspectos singulares do dia a dia, como para evitar danos ao próximo ou mesmo para livrar alguém de receber um castigo indevido. Os textos revelam tanto o povo em geral fazendo uso do juramento quanto os líderes da nação, ou seja, era permitido a qualquer um fazer uso dele quando necessário. Nessas relações o falso juramento estava presente e quem dele fazia uso tinha más intenções para com o próximo; entretanto, ao ser descoberto, o resultado poderia ser a morte.

As relações de juramento aconteciam entre indivíduos ou também com Iavé. Além disso, o próprio Iavé fazia uso do juramento, comprometendo-se com seu povo. Alguns juramentos entre seres humanos tinham a finalidade de amaldiçoar, pois nos tempos bíblicos havia a crença de que a maldição proferida aconteceria. O proferir de um juramento tinha por premissa o cumprimento, pois este era imutável, salvo algumas exceções. Os juramentos eram levados a sério e quando proferidos, em geral eram cumpridos, especialmente quando eram feitos em nome de Iavé.

Quantos aos motivos do juramento, o povo de Israel jurava por motivos e em situações diferenciadas e o juramento era aceito como uma garantia de que esta palavra dita seria honrada e, no caso de isto não ocorrer, haveria consequências inclusive por parte do próprio Iavé. Eles também tinham a finalidade de buscar proteção divina e podiam ser feitos coletivamente. Em alguns momentos da história de Israel o seu

<sup>100</sup> STENZEL, 1978, p. 593.

<sup>101</sup> HAMILTON, 1998, p. 1518.

cumprimento resultou em mortes e atrocidades, tanto por ações individuais quanto por ações coletivas.

Em geral, os juramentos envolviam uma pessoa que era soberana, por isso o nome de Iavé aparece neles. Jurar pelo Senhor e ao mesmo tempo por outra divindade constituía-se em grande ofensa e era proibido, sendo considerado pecado. Embora as palavras de Iavé, nunca requerem confirmação, Ele mesmo deu exemplo da seriedade de um juramento e jurou, a fim de enfatizar seus castigos em oposição aos desobedientes. Iavé fez uso do juramento para mostrar que cumpriria sua palavra com o ser humano, bem como para demonstrar sua soberania. Ele foi fiel aos seus juramentos e os cumpriu no decorrer da história, mas seu compromisso estava condicionado ao compromisso da descendência de Abraão em guardar a aliança com Ele firmada. Mesmo diante dos deslizes do povo, Iavé cumpriu o que jurou.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1973.

BOUZON, EMANUEL. **O código de Hammurabi**. Introdução, tradução do texto cuneiforme e comentários. 4.ed. Petrópolis: Vozes. 1987.

BREVARD, S. CHILDS. **Biblical theology of the Old And New Testaments**: Theological Reflection on the Christian Bible. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

BREVARD, S. CHILDS. **Old Testament theology in a canonical context**. Philadelphia: Fortress Press, 1989.

BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009.

COLE, Alan R. **Êxodo**: introdução e comentário. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova. 1980.

FOHRER, Georg. **História e religião de Israel**. Tradução de Josué Xavier. São Paulo: Paulinas. 1982.

HAMILTON, Victor, p. **שָׁבַע** shâba'. In: HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo e Luiz Alberto T. Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARTLEY, Jonh E. **שָׁבַע** shâba'. In: HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

KIDNER, Derek. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001.

LINK, H. G. *Jurar*. In: COENEN, Lothar e BROWN, Colin (edit.). **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. **Comentário bíblico Moody**: Isaías a Malaquias. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: EBR, 1987. v. 3.

SCOTT, Jack B. **אָלֹהֶה** 'âlâ. In: HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1516.

STENZEL, M. *Juramento*. In.: BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. 2.ed. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1978. Vol II, p. 593.

THOMSON, J. G. S. *Juramentos*. In: DOUGLAS, J. D. (Edit.). [et.al.]. **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 892, 893.

WALTON, JOHN H; MATTHEWS, VICTOR H.; CHAVALAS, MARK W. **The IVP Bible Background commentary Old Testament**. IVP Academic. Illinois: Downers Grove, 2000.

WENHAM, Gordon J. **Word Biblical Commentary**: Genesis 1–15. David A. Hubbard, Glenn W. Barker (Edit.). Dallas: Word Books, Publisher, 1987. Vol. 1.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Volume 1 – Pentateuco. Santo André: Geográfica. 2007.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (Edit.); BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (Co-edit.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva... [et.al.]. São Paulo: Vida Nova, 2004.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional